



Cartas do ofício: Coelho Netto à frente da Escola Dramática (1910-1934)¹

Letter of profession: Coelho Netto in charge of the Drama School (1910-1934)

Letras del oficio: Coelho Netto al frente de la Escuela Dramática (1910-1934)

Shayenne Schneider Silva
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0002-3859-2852>
<http://lattes.cnpq.br/3140814077481048>
shayenness@hotmail.com

Ana Chrystina Venancio Mignot
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0001-8944-2021>
<http://lattes.cnpq.br/1081444223864667>
acmignot@terra.com.br

Resumo

Interpretar a atuação de Henrique Maximiano Coelho Netto, enquanto diretor e professor da Escola Dramática, é objetivo do presente artigo. Para tal, recorreremos à correspondência desse homem de letras localizada de forma dispersa na Fundação Biblioteca Nacional e na Academia Brasileira de Letras, na qual a vida desse sujeito se entrecruzava com a cena literária e educacional da cidade do Rio de Janeiro, então capital da República. Trabalhamos, assim, na perspectiva da história da cultura escrita, o que nos possibilitou interpretar essas missivas, refletindo sobre os destinatários e remetentes desse professor, enquanto diretor da escola; a finalidade e o contexto da escrita; bem como a relação que ele mantinha com seus interlocutores e a escola em questão. Deste modo, pretendemos ampliar o conhecimento acerca da história desta instituição criada na Primeira República e, sobretudo a respeito de Coelho Netto que teve sua atuação no magistério ofuscada frente às suas outras facetas.

Palavras-chave: Coelho Netto. Cartas. Escola Dramática.

¹ O presente artigo resulta do projeto “Coelho Netto: um homem de letras na cena escolar (1911-1934)”, coordenado pela Professora Ana Chrystina Mignot, com financiamento do Cnpq, Prociência (Faperj-UERJ) e CNE Faperj. Dele resultou, dentre outros trabalhos acadêmicos, a Dissertação de Mestrado de Shayenne Silva, intitulada *Mestre das palavras: missão educativa de Coelho Netto na política, na imprensa e nas escolas*, defendida em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ).

Abstract

The purpose of this article is to interpret the work of Henrique Maximiano Coelho Netto as a director and as a professor at the Dramatic School. In this sense, we resorted to the correspondence of this man at the National Library Foundation and at the Brazilian Academy of Letters, in which his life intertwined with the literary and educational scene of the city of Rio de Janeiro, then capital of the Republic. Thus, we worked from the perspective of the history of the written culture, which allowed us to interpret these letters, reflecting on the addressees and senders of this teacher, as the school's director; the purpose and context of writing; as well as the relationship he had with his interlocutors and the school mentioned before. In this way, we intend to expand the knowledge about the history of this institution created in the First Republic and, above all, about Coelho Netto, who had his performance in the magisterium overshadowed by his other facets.

Keywords: Coelho Netto. Letters. Dramatic School.

Resumen

El propósito de este artículo es interpretar la obra de Henrique Maximiano Coelho Netto como director y docente de la Escuela Dramática. Para ello, utilizamos la correspondencia de este hombre de letras ubicada de manera dispersa en la Fundación Biblioteca Nacional y en la Academia Brasileña de Letras, en la que se entrelaza la vida de este sujeto con la escena literaria y educativa de la ciudad de Río de Janeiro, entonces capital de la República. Así, trabajamos desde la perspectiva de la historia de la cultura escrita, que nos permitió interpretar estas cartas, reflexionando sobre los destinatarios y remitentes de este docente, como director de la escuela; el propósito y contexto de la escritura; así como la relación que mantenía con sus interlocutores y la escuela en cuestión. De esta manera, pretendemos ampliar el conocimiento sobre la historia de esta institución creada en la Primera República y, sobre todo, sobre Coelho Netto, quien tuvo su actuación en el magisterio ensombrecida por sus otras facetas.

Palabras clave: Coelho Netto. Cartas. Escuela Dramática.

Palavras iniciais...

Figura 1. Caricatura de Coelho Netto, desenhado por J. Carlos, Capa *Para Todos*, de 21/04/1928.



Fonte: Arquivo Pessoal do Acadêmico Coelho Netto/ ABL²

A caricatura que abre o presente artigo é de J. Carlos³ e fora uma dentre muitas utilizadas para representar Henrique Maximiano Coelho Netto ao receber o título de “Príncipe dos Prosadores” por uma eleição promovida pelo *O Malho*, em 1928. Nela podemos observar além das sobrelhas e bigode marcados, terno e óculos como elementos que sempre estiveram presentes em fotografias, charges ou imagens a seu respeito, a pena, objeto que caracterizava um homem que viveu de sua escrita. Essa visão do caricaturista captura a mesma imagem propagada por muitos de seus biógrafos, ou seja, um sujeito que publicou muito e de modo diversificado como romances, crônicas, discursos parlamentares ou de outra natureza, artigos

² Pudemos localizar a mesma caricatura na edição de *O Malho*, em 21.04.1928, ed. 1336, p. 32. [Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional]

³ José Carlos de Brito e Cunha (RJ, 1884 – RJ, 1950) – caricaturista, chargista, ilustrador, publicitário e humorista – publicou sua arte nas revistas *Careta*, *Para Todos*, *Fon-Fon*, *Almanaque Tico-Tico*, dentre outras tantas, nas quais retratou “com beleza e elegância o cotidiano da cidade e seus habitantes”, segundo o site do Instituto Moreira Salles, que contém em seu acervo parte das obras desse artista. Disponível em: <https://ims.com.br/acervos/iconografia/> [Acesso em 08/02/2021].

em jornais, contos e histórias para crianças.⁴ Também escreveu peças de teatro como *Pelo amor!*, *Ártemis*, *Hóstia*, *Bonança*, dentre outras, influenciadas pelos clássicos eruditos ocidentais, como aponta o estudo de Carvalho (2009), sobre a renovação teatral defendida por Coelho Netto. Sua relação com a escrita e o teatro também se dava pela crítica teatral. Pelas páginas de *Fagulhas*, assinando como N., Coelho Netto criticava o entusiasmo do público pelas peças populares que eram carregadas de licenciosidades, conotação sexual, danças sexuais e despedidas de qualidade. No seu entendimento, “os espetáculos do gênero em questão não ensinavam nada de bom ao público que, por meio deles, piorariam o seu vocabulário e guardariam na memória as belezas inúteis do cenário e as imoralidades levadas às cenas pelos artistas” (CARVALHO, 2009, s/p). Por outro lado, os artistas que atuavam profissionalmente vinham das classes populares e iam para o teatro “estropiar a doce e amável língua portuguesa. Não temos um só artista preparado para o teatro – é um elenco de *parvenus*” (COELHO NETTO, 1897, p.3 apud CARVALHO, 2008, s/p).

Tão intensa era sua dedicação à escrita que, ao longo da vida, publicou mais de duzentas obras literárias, lançando mão de vários pseudônimos como Puck, Ariel e Caliban (no jornal *Cidade do Rio*), Vítor Leal (utilizado coletivamente no folhetim *Paula Matos*), Charles Rouge (no folhetim *Os narcotizadores – história verídica de um bando de ciganos*), Henri Lesongeur (na *Gazeta de Notícias*), N. (no *Diário de Notícias* e *O Paiz*), Anselmo Ribas (em *O Paiz*, *A Notícia* e *Gazeta de Notícias*), Amador Santelmo, Alcide, Domonac, Blanco Canabarro, C., C.N., conforme assinalado por Silva (2017).

Uma parte do tempo desse escritor e professor foi também dedicada a escrever cartas, tarefa recorrente na vida de homens de letras⁵ entre o final do século XIX e início do XX. Parte delas foi destinada a atender às demandas que a direção da Escola Dramática Municipal exigia. Aliás, muitas são as razões para se enviar uma carta, como sugere Petrucci:

Durant els últims 5000 anys, a les societats organitzades del món mediterrani i d'Europa occidental sempre hi ha existit una necessitat, major o menor, de correspondència escrita. La carta representa, per això, una de les practiques d'escriptura de méstra dició i estabilitat, a més de la principal manifestació de la comunicació escrita entre persones. Des de les classes acomodades fins a les persones comunes, els homes i dones que en algú moment de la seves vides han sentit la necessitat de comunicar-se a mitjançant l'epístola són infinits. (PETRUCCI, 2003, p. 93 apud CASTILLO GÓMEZ, 2013, p. 134)

⁴ Dos livros publicados para o público infanto-juvenil, podemos citar: *América* (1897), *Apólogos: contos para crianças* (1904), *Compêndio de Literatura Brasileira: segundo o programa do Gymnasio Nacional* (1905), *Pastoral: evangelho em 1 prologo e 3 quadros* (1905), *Teatrinho* (1905), *Alma: educação feminina* (1911), *Mystério do Natal* (1911), *Breviário Cívico* (1921), e as obras: *A Pátria Brasileira* (1909), *Contos pátrios* (1904), *A terra fluminense* (1898) e *Theatro Infantil: comédias e monólogos em prosa e em verso* (1905), junto a Olavo Bilac.

⁵ Ao adentrarmos os Arquivos Pessoais dos membros da Academia Brasileira de Letras, por exemplo, podemos localizar como grande parte dessas fontes preservadas, as cartas que tais sujeitos mandavam e recebiam, como é o exemplo de Machado de Assis; Lúcio de Mendonça; Olavo Bilac; Joaquim Nabuco; Graça Aranha; João Ribeiro; Sílvio Romero; João do Rio; dentre tantos outros. Muitas dessas cartas, foram publicadas em livro, como é o caso de: *Machado de Assis & Joaquim Nabuco – Correspondência* (2003); *71 cartas de Mario de Andrade* (1991); *Cartas/ Cartas: Lorenal/ Cartas: Manaos* – sobre as cartas de Euclides da Cunha; *Cartas a amigos* (1949) – sobre as cartas de Joaquim Nabuco; *Cartas a Alceu Amoroso Lima*; dentre outros.

Dentre as possibilidades mais recorrentes de se abordar o estudo da correspondência em sua dimensão histórica⁶, estão aquelas que utilizam as cartas para reconstrução de distintas biografias; conhecer as redes de sociabilidade tecidas pelos eixos epistolares; aproximar-se da vivência de tal sujeito; e, saber dos sentimentos explícitos ou velados confessados em missivas mais íntimas e pessoais (SANCHIS, 2000 apud CASTILLO GÓMEZ, 2014). Este gênero de escrita, “responde a un orden textual bastante estable, mantenido con pocas variaciones desde su formulación embrionaria en algunos tratados de época clásica hasta casi nuestros días” lembra Castillo Gómez (2014, p. 25) e acrescenta, ainda, na mesma perspectiva de Petrucci (2019), ao considerar o ato da escrita epistolar pertencente a uma história milenar⁷. Ao pensarmos nas cartas, elas

se convierten en el elemento más representativo de la extensión social de las prácticas de escritura, debido a una difundida necesidad de escribir vinculada con fenómenos tan decisivos en la vida de cualquier persona como la emigración, la guerra, la prisión, la represión o el exilio [...] La escritura se convierte, ligada a estas circunstancias, en un medio de supervivencia, ya que supera las distancias y evita el olvido. (SIERRA BLAS, 2002, p. 124)

A prática de escrever cartas está relacionada, ainda hoje, com a questão da distância e ausência, ao revelarem que “cartas movem-se entre presença e ausência, ao mesmo tempo em que, à distância, mantêm vínculos” (BASTOS, CUNHA E MIGNOT, 2002, p.5). Quais vínculos Coelho Netto pode manter presentes em sua vida através da sua correspondência pessoal?

⁶ Para saber mais sobre pesquisas que abordam as cartas em sua dimensão histórica, ver: GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. – Dentre os artigos dessa coletânea, podemos observar o artigo intitulado “Carta de leitor. Reflexões a partir de uma seção do arquivo de Pedro Nava”, de Marília Rothier Cardoso, no qual a autora chama a atenção para dois caminhos que os pesquisadores podem tomar ao se debruçar no discurso epistolar. O primeiro deles, a correspondência entre personalidades públicas, o que gratifica o lado *voyeur* dos pesquisadores e, o segundo, as cartas pessoais trocadas entre cidadãos comuns, essas por sua vez, escapam do poder de resgate das instituições e é preciso esperar que o acaso as torne acessíveis à análise; BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002; SÁEZ, Carlos, CASTILLO GÓMEZ, Antonio. *La correspondencia en la historia*. Modelos y prácticas de la escritura epistolar. 1ªed. Madrid. 2002; CASTILLO GÓMEZ, Antonio, SIERRA BLAS, Verónica. *Cartas – Lettres – Lettere*. Discursos, prácticas y representaciones epistolares (siglos XIV-XX). 1ªed. Alcalá de Henares. 2014; CASTILLO GÓMEZ, Antonio, SIERRA BLAS, Verónica. *Cinco siglos de cartas*. Historia y prácticas epistolares en las épocas moderna y contemporánea. 1ª ed. Huelva. 2014; PETRUCCI, Armando. *Escribir cartas, una historia milenaria*. Buenos Aires: Ampersand, 2019; CASTILLO GÓMEZ, Antonio. *Aprendizaje, arte y prácticas epistolares en España durante la temprana Edad Moderna*. Epistolarios de ayer. Diplomática de hoy. 1ª ed. Guadalajara. 2019. p. 133 – 166; e SIERRA BLAS, Verónica. *Aprender a escribir cartas. Los manuales epistolares en la España contemporánea (1927-1945)*, Gijón: Ediciones Trea, 2003; dentre outros.

⁷ Castillo Gómez e Sierra Blas (2014) acrescentam que a história das cartas é tão antiga quanto da própria escritura. “Nascida esta para guardar registro de cosechas y raciones, para honrar la memoria de los muertos o para implorar la protección de los dioses, al poco de formalizarse en una tabilla de arcilla o en un fragmento de papiro ya sirvió para intercambiar órdenes, informaciones, experiencias y sentimientos” (p. 12). Contudo, teria sido somente na Grécia helenística que a prática epistolar começaria a formalizar-se. Os autores afirmam que o uso massivo da carta foi inseparável do generalizado aumento da alfabetização que teve lugar entre meados do século XIX e na primeira metade do século XX, “y que, a pesar de las grandes diferencias existentes entre unos y otros países, llevó a que em Europa se alcanza sentases de entre 60% y un 90% de alfabetizados, reduciéndose considerablemente el analfabetismo de siglos pasados” (idem, p. 15). Mais a respeito da história da escrita epistolar, consultar: Castillo Gómez e Sierra Blas (2014) e CASTILLO GÓMEZ, Antonio. El mensaje escrito: la carta como medio de comunicación a lo largo de la historia. In: *XXI siglos de comunicación en España*. Madrid. 2016. p.13-29.

A escolha pela presente temática justifica-se, primeiramente, ao fato de o sujeito aqui estudado já ter sido abordado, principalmente em estudos nas áreas de Literatura, Literatura Comparada, Artes Cênicas e História Social, pesquisas que, em sua maioria, privilegiam as obras publicadas: crônicas, romances, peças de teatro, livros didáticos, discursos.⁸ Buscamos, aqui, um caminho diverso, que pode nos apontar os bastidores de sua atuação enquanto diretor e professor de uma instituição de ensino. Como sugere Sanchis, “las cartas privadas – más o menos confidenciales – permiten esclarecer las relaciones de amistad o antipatía entre individuos o grupos, tanto en el campo político como en el cultural” (2000, p. 18). Além disso, o autor observa que “muchas veces, los epistolarios contribuyen a conocer en profundidad el funcionamiento de las instituciones” (SANCHIS, 2000, p. 20), instigando a interpretar as cartas que tratam da escola para formação de ator no Brasil, durante a Primeira República, que ainda se encontra em atividade. Quais foram as estratégias adotadas por esse homem de letras para que a Escola Dramática permanecesse de portas abertas?

Com o objetivo de interpretar a atuação deste sujeito como diretor e professor da mesma, tomamos como fio condutor as missivas localizadas na Academia Brasileira de Letras (ABL)⁹, presentes no Arquivo Pessoal do Acadêmico, na Fundação Biblioteca Nacional (FBN)¹⁰, que guarda grande parte da sua correspondência na Seção de Manuscritos¹¹, e esporadicamente na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), sem perder de vista a necessidade de entrecruzar com

⁸ Dentre os trabalhos publicados sobre o literato Coelho Netto e suas obras, destacamos: LOPES, Marcos Aparecido. *No purgatório da crítica: Coelho Neto e o seu lugar na história da literatura brasileira*. (Dissertação Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos Linguagem, 1997; LAPA, José Roberto do Amaral. *Coelho Netto em Campinas (1901 – 1904)*. Conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. 6 de fevereiro de 1960; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Barricadas na Academia: literatura e abolicionismo na produção do jovem Coelho Netto. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 5 (n.10), 2000, p. 15-37; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Literatura em movimento: Coelho Netto e o público das ruas. In: *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005; SILVA, Maurício Pedro. *A Hélade e o Subúrbio: Confrontos Literários na Belle Époque Carioca*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006; p. 201-237; MACHADO, Ubiratan. *Coelho Netto (Melhores crônicas)*. São Paulo: Global, 2009; CARVALHO, Danielle Crepaldi. “Arte” em tempos de “chirinola”: a proposta de renovação teatral de Coelho Netto (1897-1898). (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2009; PINHO, Adeílano Manoel. O sistema literário de A Conquista: nomes, leitura e números para um romance de Coelho Neto. *Revista Literatura em Debate*. V.3, n.4, 2009, p. 109-128; HANSEN, Patrícia Santos. América. Uma utopia republicana para crianças brasileiras. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.22, n. 44, julho-dezembro de 2009, p. 504-521; VENTURELLI, Vanessa Kitizo. “Fagulhas”: uma coluna de crônicas de Coelho Netto na Gazeta de Notícias (1897-1899). Faculdade de Ciências e Letras de Assis (Dissertação de Mestrado), Universidade Estadual Paulista, 2010; MAYDANA, Claudia Jane Duarte. *Decifrando os enigmas da modernidade em Esphinge, de Coelho Netto*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Instituto de Letras e Artes, 2010; VIEIRA, Cleber Santos. Transfigurações Cívicas: *A terra fluminense, Contos pátrios e A pátria brasileira*. *Revista IEB*, n. 50, set./mar., 2010, p. 79-102; CARVALHO, Claunísio Amorim. *O insigne pavilhão: nação e nacionalismo na obra do escritor Coelho Netto*. (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Maranhão, 2012; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Um sertanejo na capital federal: Coelho Netto e o Rio de Janeiro dos primeiros anos da República. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, Jan./jun. 2015, p. 54-66; dentre outros.

⁹ Localizado na Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro (ABL / RJ), o Arquivo Pessoal de Coelho Netto, cadeira 2, guarda, dentre diversos assuntos, a “correspondência pessoal” do acadêmico Henrique Maximiano Coelho Netto, pasta 25-1-24.

¹⁰ Na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (FBN/ RJ), encontra-se a gaveta 4 na seção de manuscritos, com 535 documentos, com a correspondência do titular e de terceiros sobre diversos assuntos ligados a eleições para a Academia Brasileira de Letras, peças teatrais, reuniões literárias, colaboração em periódicos, publicações, traduções da obra do titular.

¹¹ Há, também, algumas cartas de/para Coelho Netto preservadas na Fundação Casa de Rui Barbosa, algumas dessas tratando sobre assuntos da Liga da Defesa Nacional, assuntos particulares, enquanto era Deputado Federal, dentre outros assuntos. No entanto, para o presente artigo, pela temática voltada para atuação do escritor frente à escola de teatro, não foi necessário a utilização dessas como fontes, já que nenhuma das missivas ali encontradas tratavam da temática aqui estudada.

outros documentos que ajudam a compreender afinidades e divergências no campo cultural. Tomamos como referência os estudos pioneiros de Elza Andrade (1996, 2009 e 2014) sobre a referida escola, dentre outros que abordam ou tangenciam a mesma. A interpretação dessas cartas permitiu indagar: para quem Coelho Netto escrevia e de quem o mesmo recebia cartas? Qual o conteúdo dessas missivas? Quando e onde eram escritas? O que elas podem contar sobre sua atuação na direção da escola de teatro?

Pretendemos, assim, apresentar Coelho Netto a partir de sua escrita epistolar de maneira ampla para, depois, focalizá-lo frente à referida escola, visando contribuir para ampliar o conhecimento acerca da história desta instituição, a trajetória deste sujeito que teve sua atuação no magistério ofuscada na historiografia e na historiografia da educação, frente às suas outras facetas de cronista, poeta, escritor, político e jornalista.

Um professor entre cartas dispersas

Guardar é diferente de esconder. Guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor partilhar; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo. (MIGNOT e CUNHA, 2006, p. 41)

É possível imaginar que, por muitos anos, Coelho Netto teria guardado as cartas em sua pasta de couro verde¹². Outras, talvez, em uma cesta de papéis, preservadas no seu gabinete de trabalho à Rua do Roso, n. 79, onde ele viveu quase metade de sua vida, podendo ter um espaço para “preservar seus documentos, eternizar sua imagem e preparar o legado para o futuro” (MIGNOT, 2014, p. 214). Independentemente do local onde foram protegidas e preservadas, tais documentos permitem entrever a atuação deste homem de letras e seus ofícios diários em suas múltiplas facetas. Dentre estas últimas, podemos observar aquelas enquanto diretor da Escola Dramática, acadêmico, jornalista, escritor, deputado, mas também as que sugerem acontecimentos de sua vida pessoal como pai, amigo e esposo.

Quem era esse sujeito que escrevia e recebia inúmeras cartas? Esta é a primeira questão que fazemos quando nos debruçamos sobre a farta correspondência, pois quando trabalhamos com esta escrita não estamos interessadas apenas nos assuntos tratados. Na perspectiva da história da cultura escrita, conforme lembra Antonio Castillo Gómez (2017), é necessário interpretar as práticas, representações e usos da escrita das mesmas, o que implica em interrogar sobre quem escreve, o contexto da escrita e as motivações para escrever, remeter e ler cartas.

Assim, cabe pensar inicialmente em aspectos da vida de Coelho Netto, sem a pretensão de traçar uma biografia. Para um de seus biógrafos, o seu filho Paulo Coelho Netto, o escritor inicia sua carreira jornalística e participa das campanhas abolicionistas e republicanas, especialmente do círculo literário que posteriormente, fundaria a Academia Brasileira de Letras, composto por Lúcio de Mendonça, Luís Murat, José do Patrocínio, Olavo Bilac, dentre tantos outros, quando retornou ao Rio de Janeiro, em 1885, depois de ter abandonado o curso de Medicina e a Faculdade de Direito, que cursava em São Paulo (COELHO NETTO, Paulo, 1957). Devido às relações sociais estabelecidas depois de seu casamento com Maria Gabriela

¹² Localizado no Cofre 49, sob a guarda da FBN/RJ, contém a original pasta de couro verde, para documentos, pertencente a Coelho Netto, com os dizeres em uma placa metálica: “Ao Dr. Henrique Coelho Netto o Club Juventude Israelita. Rio 21/04/26”.

Brandão, filha do educador Alberto Brandão,¹³ em 24 de julho de 1890, tendo como seu padrinho de casamento, Hermes da Fonseca,¹⁴ Coelho Netto teria conseguido cargos importantes, dentre eles, o de Secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro, função pública que exerceu até 1891. Seu sogro tem uma participação importante na conquista de cargos comissionados para Coelho Netto. Isto pode ser observado na correspondência do mesmo presente na FBN, em que Alberto Brandão pede a conhecidos, que exercem posições de destaque na cena política da época, cargos para seu genro. Nem sempre o pedido fora atendido,¹⁵ porém, permitiu que, ao menos, um cargo administrativo, como o de Secretário do Governo, fosse concretizado.

Somente aos 37 anos de idade, Coelho Netto presta concurso para o cargo de Lente de Literatura do Ginásio de Campinas, atual Colégio Culto à Ciência, conseguindo ser efetivado, apesar de ter exercido o magistério de modo esporádico anteriormente, como lembra seu biógrafo Paulo Coelho Netto (1957, p. 7). A chegada desse professor em Campinas, segundo Lapa (1960) significava que naquela cidade se contava com um sujeito que já possuía prestígio na vida literária do país, tendo publicado obras de destaque como: *Miragem*, *Inverno em Flor*, *A Conquista*, *O Rajá de Pendjab*, além de novelas, contos, crônicas, peças de teatro, etc. Afirma, ainda, que ele teria passado pelo magistério, tendo ocupado o cargo de Lente de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e que o principal motivo da mudança de Coelho Netto para Campinas fora pela abertura dos concursos para diversas cátedras do ginásio local, já que os artigos em jornais e venda de livros não davam para o sustento da família, como apontado por Paulo Coelho Netto (1957). É importante salientar que Campinas, em 1900, era considerada uma cidade provinciana, sem muitos atrativos para quem estava acostumado com o polo urbano do Rio de Janeiro. O historiador expõe, por fim, que os Concursos do Ginásio de Campinas atraíam a atenção de todos na cidade, “principalmente pelos nomes que disputavam as cadeiras vagas” (LAPA, 1960, p. 28).¹⁶

No Ginásio de Campinas, Coelho Netto participou da fundação de um grêmio, propondo-lhe o nome de “Centro de Ciências, Letras e Artes”, onde participou ativamente desde o começo das atividades, permanecendo como orador apenas na gestão da primeira Diretoria, em 1901.¹⁷ Também foi redator da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, que foi criada em 1902, e destinava-se a mostrar sobre a cidade de Campinas, o Centro de

¹³ Sobre Alberto Brandão, consultar: BESEN, Danielly Samara. *Os deslembrados e seus apelos: uma história da profissão docente pelo viés do associativismo* (Santa Catarina/Brasil – final do século XIX início do XX). Tese de doutorado. UDESC, 2021.

¹⁴ Hermes Rodrigues da Fonseca (RS, 1855 – RJ, 1923) era sobrinho do marechal Deodoro da Fonseca – o primeiro presidente da República brasileira (1889). Estudou na Escola Militar do RJ; recebeu patente de general em 1900, e de marechal em 1906; assumiu como Ministro da Guerra durante o Governo de Afonso Pena (1906 – 1909); e, foi eleito presidente da República (1910-1914). In: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/hermes_da_fonseca [Acesso em 20/01/2021].

¹⁵ Em carta localizada na FBN de Serzedelo Correia (1858 – 1932) a Alberto Brandão (1848 – 1897), sem data (mas pelos indícios e carimbo do Gabinete do Ministério da Justiça, acredita-se que fora uma carta de 1892 aproximadamente), o então ministro da justiça, informa ao educador que a nomeação de Coelho Netto só poderia ocorrer se ele se submetesse a um concurso, isto é, há uma recusa de apoiar a um cargo comissionado ao genro de Alberto Brandão.

¹⁶ Para a vaga de Literatura concorreram Alberto Faria (1869, RJ – 1925, RJ) – jornalista, professor, crítico, folclorista e historiador –, Antônio da Rocha Batista Pereira (1880 – 1960) – que era genro de Rui Barbosa – e, Coelho Netto. Apesar dos pontos das provas terem favorecido o outro candidato, Coelho Netto saiu vencedor e assumiu a cadeira de Literatura do ginásio. Segundo a biografia de Alberto Faria no site da ABL, quem teria ficado em primeiro lugar no concurso fora Alberto Faria (LAPA, 1960 apud SILVA, 2017).

¹⁷ Em algumas missivas presentes na FBN, é possível também ver a movimentação de Coelho Netto perante sua rede de sociabilidade para conseguir artigos e/ou outras publicações de amigos para essa revista, como é o caso da carta de João Ribeiro a Coelho Netto, de 14 de maio de 1915, pedindo para colaborar com a Revista do Centro de Campinas [FBN].

Ciências, Letras e Artes (agremiação de origem), os sócios fundadores e mantenedores da instituição e do próprio periódico. Lapa (1960) ressalta que o objetivo de Coelho Netto no Centro de Ciências fora transformá-lo em uma casa de cultura, “a serviço da gente campineira, e não uma Academia fechada” (idem, p. 35). Sendo assim, umas das propostas de autoria de Coelho Netto fora que esse grêmio oferecesse aulas gratuitas de matérias como desenho linear, noções de arquitetura, canto coral, estética, dicção e rudimentos da história das artes.

Em sua atuação no Ginásio de Campinas Coelho Netto lutara em nome da arte e da pátria. Esta primeira, a partir da democratização da cultura, como pretendia através das aulas em locais abertos e gratuitos para os alunos que não possuíssem condições, pudessem ter contato com as artes. Pretendia, assim, contribuir para embelezar a cidade de Campinas de modo que ela pudesse “civilizar-se” segundo os padrões europeus.

Outra estratégia adotada por Coelho Netto, para legitimar-se como intelectual era se vincular a associações, grêmios, clubes literários, educandários e atividades de trabalhos diversificados, podendo deste modo fazer crescer suas redes de sociabilidade, “numa sociedade onde o apadrinhamento era natural e esperado, exercendo ações para grupos específicos ou para si próprios”, como apontado por Santos (2011, p. 77). A autora revela ainda que, em muitas vezes, essa relação era utilizada quando se pretendia obter um favor, um emprego ou fazer alianças. Sendo assim, uma das maneiras de se perceber os vínculos que iam se formando é através da escrita epistolar dos sujeitos.

Depois de sua experiência como docente efetivo do Ginásio de Campinas, entre 1901 a 1904, ele retorna ao Rio de Janeiro em busca de sua estabilidade profissional e financeira, conseguindo a vaga para Lente de Literatura no Externato do Ginásio Nacional (atual Colégio Pedro II), interinamente, em 1907, tornando-se docente efetivo dessa instituição, sem precisar prestar concurso, em 1909. Além dessas atividades, transitou também pelo meio político. Uma carta confidencial de Coelho Netto dirigida a Rui Barbosa permite observar que seu desejo de participar da vida política na capital da República vinha desde 1899:

Meu caro mestre

Não há duvida que é ousadia [...] eu, sem outra assistência mais que a do meu nome, pedir o amparo forte da rija Penna adamautiva que fulge como cauda d’astro e apúia como louça para a muita causa, que reputo digna vim do desse conceito o meu atrevimento em requerer apelo a quem só dá favores á justiça. Quem sou eu para, ao nascer político, receber micuso de um mago como V. Ex.? pressumpção desmarcada, dirá V. Ex. e eu responderei – ambello desmedido. Ambello em dar mais força á doutrina que prego com a Penna, seu desabuto bem que haja razão para mais, ai do por diante contra tropeços, gozando com o soffrimento, tirando coragem da própria indiferença, arremettendo quando melhor seria recuar. Homem de Letras e nada mais (bem pouco é se’ esta terra) apresento a minha candidatura aos eleitores do 1º Districto para o cargo de intendente municipal dando apenas, como programma, o que mais parece uma divisa e larga. [...] ‘honrarei o meu nome’[...] n’estas palavras há grande responsabilidade porque vai n’ella sem pensado o dote do meu filho, não o jogaria se não tivesse, como cautela, a minha consciência. Vendo a V. Ex. peço a minha sagração honrado com uma [...] de tão illustre mestre mesmo da derrota saberei com orgulho e, do que disser V. Ex. farei o meu catechismo curico da vida nova que [...] por amor das minhas ideas que são as de um artista.

Veneradamente assigno

Admirador de V. Ex.

Henrique Coelho Netto. (17/01/1899, FCRB)

Ao tratar da polêmica acerca da construção do Teatro Municipal, no Rio de Janeiro, Figueiredo (2011) observa ter sido Artur Azevedo, dramaturgo que lutou pela realização do mesmo, que havia proposto que Coelho Netto se candidatasse a intendente municipal para viabilizar uma mobilização política indispensável à concretização de seu sonho, já que ele fora um defensor extremo da nacionalização do teatro no Brasil. Em 1909, mesmo ano de criação do Teatro Municipal, Coelho Netto elegeu-se deputado federal pelo Maranhão, conseguindo ser reeleito por três mandatos consecutivos. Por não conseguir uma quarta reeleição, assume o cargo de Secretário Geral da Liga da Defesa Nacional, passando a nela atuar ativamente.¹⁸

Cartas guardadas

Em suas cartas, Coelho Netto agradecia, enviava livros e saudações, convidava, concordava, discordava, recomendava, avisava, lamentava, informava, pedia e, até, desculpava-se. Isto, porque a correspondência não é homogênea. De diversos tipos de cartas, elas eram oficiais, públicas, privadas, íntimas, abrigando diferentes formas discursivas e de práticas epistolares. Como nos lembra Venancio (2002), as cartas podem ser categorizadas em três grupos para melhor definir seus assuntos e que puderam nos iluminar acerca do presente estudo. No primeiro grupo podemos encontrar aquelas missivas que se caracterizam como expressivas de suas relações de amizade e de prestígio político que podemos subdividir em social (englobam mensagens de Natal e de boas festas, felicitações, etc) e assuntos políticos (discussão sobre eleições, pareceres, etc). No segundo, estão aquelas formadas pela correspondência ordinária, no sentido da representação das atividades cotidianas do intelectual, onde estão as referentes à aquisição de bens materiais (principalmente aquisição de livros) e as que tratam sobre assuntos cotidianos (pagamentos, empréstimos, causas judiciais, etc). No terceiro e último grupo, estão aquelas que a autora caracterizou como pertencentes à comunidade de leitores e do grupo de troca do próprio intelectual. Destas, encontramos aquelas referentes às questões intelectuais (tratam sobre livros, solicitação de artigos, pedidos de doação de livros para bibliotecas, convites para prefaciá-los etc.) e as de agradecimentos (especialmente pelo envio de livros como presentes).

Um mapeamento das cartas sob a guarda da Seção de Manuscritos da FBN permitiu observar que a quantidade de cartas enviadas por Coelho Netto foi menor em relação às recebidas por ele nessa instituição. Enquanto na primeira há um total de 47 cartas, na segunda tem um total de 395. Já no seu Arquivo Pessoal enquanto acadêmico, localizado na Academia Brasileira de Letras, localizamos algumas missivas na Série 1 (Correspondência Pessoal), bem como na Série 3 (Documentos Institucionais), e, nesta última, as cartas possuem temáticas relacionadas às atividades de Coelho Netto na ABL¹⁹.

¹⁸ “Foi participando dessa liga, formada por companheiros que lutavam em favor dos mesmos anseios, como Olavo Bilac, Pedro Lessa, Felix Pacheco, Miguel Calmon, Rui Barbosa, entre outros que Coelho Netto viu a chance do Brasil se transformar em um país modernizado e civilizado, por isto, era necessário lutar pela educação. Alcançando os jovens, estaria alcançando o futuro promissor do país. Dentre os objetivos defendidos pela Liga da Defesa Nacional estavam difundir a instituição militar; desenvolver o civismo; o culto ao heroísmo; ativar o estudo de História do Brasil e das tradições brasileiras; promover o ensino da língua pátria; combater o analfabetismo; etc. Conseguindo tudo isso, estaria o Brasil, assim, civilizado” (SILVA, 2017, p. 192). Ver cartas entre Coelho Netto e Rui Barbosa na seção de manuscritos da FCRB, no qual ambos tratam sobre diversos assuntos, incluindo sobre a Liga da Defesa Nacional e sua atuação como Secretário Geral da mesma.

¹⁹ Além disso, há uma terceira possibilidade de encontrar cartas de Coelho Netto nesta instituição, que seria a partir da pesquisa em outros arquivos pessoais de acadêmicos presentes na mesma, dentre eles, sugere-se: Arquivo Machado de Assis; Arquivo Luís Murat; Arquivo José Veríssimo; Arquivo Mário de Alencar; Arquivo Afonso Celso; Arquivo Ramiz Galvão; Arquivo Goulart de Andrade; Arquivo Múcio Leão; Arquivo Olavo Bilac.

Das 395 missivas localizadas na FBN que compõem a correspondência passiva de Coelho Netto, algumas sugerem que o elo comunicativo teria começado pelo escritor, como uma resposta a uma carta anterior por ele enviada. Sendo assim, essas respostas se tornam pequenos pedaços de um quebra-cabeça dispostos a serem interrogados e interpretados.

Dentre os seus remetentes estão nomes que ocupavam lugares de destaque na vida política e cultural do país, tais como: Alberto de Oliveira²⁰, Euclides da Cunha²¹, Emídio Dantas Barreto²², Olavo Bilac²³, Medeiros e Albuquerque²⁴, João Ribeiro²⁵, Luís Murat²⁶, Paulo Barreto²⁷, por exemplo, que tratavam de diversos assuntos, como: eleições na Academia Brasileira de Letras, traduções de obras de Coelho Netto para outras línguas, assuntos particulares e algumas tecendo comentários sobre seus livros.

Observa-se uma diferença entre a guarda da correspondência ativa de Coelho Netto e sua correspondência passiva. As cartas recebidas são em maior quantidade, pois ele teve a preocupação de guardá-las e seus herdeiros zelaram por sua preservação. Assumiram, assim, a missão de dar um novo destino para estes papéis, na perspectiva salientada por Schapochnik:

De quem parte, usualmente se diz, fica a lembrança. No entanto, bem sabemos, lembranças e heranças, quando é o caso, são objetos de partilha. [...] inevitavelmente, alguns bens, por serem investidos de uma dimensão simbólica e afetiva, ficam sob a tutela do guardião do “museu familiar” [...] dessa maneira, o papel desempenhado pelo guardião se assemelha ao de um dublê de arquivista, que reúne e atribui uma ordem de pertinência ao acervo. (1998, p. 460)

²⁰ Antônio Mariano Alberto de Oliveira (RJ, 1857 – RJ, 1937) foi farmacêutico, professor e poeta. Membro fundador da ABL. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/alberto-de-oliveira/biografia> [Acesso em 08/02/2021].

²¹ Euclides Rodrigues da Cunha (RJ, 1866 – RJ, 1909), se formou engenheiro-militar e bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais, pela Escola Militar. Foi membro da ABL, sócio do IHGB e professor de Lógica do Colégio Pedro II. Mais sobre a vida deste homem de letras, ver: VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019; ABREU, Regina. *O enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998.

²² Emídio Dantas Barreto (PE, 1850 – RJ, 1931) foi militar, historiador, jornalista, romancista e teatrólogo, Membro da ABL. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/dantas-barreto/biografia> [Acesso em 08/02/2021].

²³ Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (RJ, 1865 – RJ, 1918) foi jornalista, poeta, inspetor de ensino. Além disso, foi um dos fundadores da ABL. Foi nomeado oficial da Secretaria do Interior do Estado do Rio; inspetor escolar do Distrito Federal; delegado em conferências diplomáticas; Secretário do Prefeito do Distrito Federal, em 1907; um dos fundadores da Liga de Defesa Nacional, junto a Pedro Lessa, Miguel Calmon, dentre outros, em 1916. Mais sobre Olavo Bilac, ver: GARCIA, Lucia. Para uma história da belle époque – coleção de cardápios de Olavo Bilac. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado S/A; Academia Brasileira de Letras, 2011.

²⁴ José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (PE, 1867 – RJ, 1934) foi, jornalista, professor, político, contista, poeta, orador, romancista, teatrólogo, ensaísta e memorialista. Mais sobre Medeiros e Albuquerque, ver: VARELLA, Jacqueline de Albuquerque. *Instruir e Civilizar: Medeiros e Albuquerque entre práticas e redes de sociabilidade na Primeira República*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2018.

²⁵ João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (SE, 1860 – RJ, 1934) foi professor, jornalista, pintor, escritor, filólogo, historiador, membro da ABL e do IHGB. Para mais informações sobre João Ribeiro, ver: HANSEN, P. S. *Feições & fisionomia: A História do Brasil de João Ribeiro*. Rio de Janeiro: Access, 2000; RODRIGUES, Rogério Rosa. *Nos desvãos da história: João Ribeiro*. Jundiá: Paco Editorial, 2015; RODRIGUES, Rogério Rosa. Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João Viva a São João. *História (São Paulo)* v.32, n.1, p. 377-400, jan/jun 2013.

²⁶ Luís Morton Barreto Murat (RJ, 1861 – RJ, 1929) foi jornalista, poeta, filósofo e político. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/luis-murat/biografia> [Acesso em 08/02/2021].

²⁷ João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (RJ, 1881 – RJ, 1921), mais conhecido pelo seu pseudônimo literário: João do Rio, foi jornalista, cronista, contista e teatrólogo. Para mais informações sobre o cronista, ver: SOUSA, Patrícia de Castro. *João do Rio: o repórter com alma de flâneur conduz a crônica-reportagem na belle époque tropical*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Santa Maria. Programa de Pós-graduação em Letras, 2009.

O guardião dos documentos de Coelho Netto, possivelmente, após sua morte, fora seu filho Paulo Coelho Netto que, por anos, reuniu os pertences do pai, a fim de publicar a sua biografia, no intuito de que sua memória fosse eternizada e não caísse ao esquecimento. A significativa quantidade de cartas presente na sua correspondência passiva mantida no Arquivo do Acadêmico/ABL, torna possível concluir que ela se deve à preocupação do próprio titular do arquivo em guardar estes tipos de papéis. Provavelmente foram arquivadas por ele mesmo, permitindo, assim, percebê-lo como um grande colecionador de papéis. Afinal, arquivar a própria vida é um exercício autobiográfico, o indivíduo existe através de seus papéis, na intenção de um futuro leitor [autorizado ou não] (ARTIÈRES, 1998), evidenciando que Coelho Netto, desejava perpetuar seu legado também através de suas cartas.

Já a correspondência ativa de Coelho Netto, como anteriormente observado, foi preservada por terceiros, uma vez que na maioria das vezes, quando não se tinha cópia, só a pessoa que recebeu a carta teve o direito de fazer o que desejar: guardar, jogá-la no lixo, rasgar, rasurar, responder, etc. Neste caso, das inúmeras cartas que Coelho Netto enviou, em torno de 137 foram salvas na FBN, ABL e FCRB. Muitas podem ter sido perdidas pelos seus destinatários. Outras se encontram hoje dispersas em instituições de guarda, como já comentado, e naturalmente já passaram por um processo de seleção. Sendo assim, mergulhar na leitura e interpretação dessas cartas se torna importante para a compreensão desse sujeito. Para tal, foi necessário também desconstruir a lógica presente nas instituições de guarda a fim de compreender um sujeito e sua escrita epistolar:

A despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito [de não se sabe] qual misterioso decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise de exercícios técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através de gerações. (BLOCH, 2001, p. 83)

Dentre as missivas em geral trocadas por Coelho Netto, pudemos identificar também, aquelas que tratavam sobre assuntos acerca da Escola Dramática Municipal, enquanto ele exercia a função de diretor e de professor de História e Literatura Dramática. Podemos, deste modo, refletir tanto sobre os destinatários de suas missivas como sobre os remetentes, a finalidade e o contexto da escrita; e, a relação que Coelho Netto mantinha com seus interlocutores e a escola em questão.

Entre saudações e cortesias: o Brasil ganha uma escola de teatro

Snr, Dr Henrique Coelho Netto,

Tendo recebido a melhor impressão possível da prova publica de fim de anno dos alumnos da Escola Dramática, realisada no Theatro Municipal em 24 de Dezembro p. fundo cumpro o grato dever de louvar-los pela alta competencia e extremado amor com que tendes dirigido esse importante instituto de arte, comprovando o meu acerto em vos confiar tão árdua tarefa.

Peço-vos tornes extensivo este elogio aos vossos dignos auxiliares do corpo docente e bem assim aos alumnos pela applicação e aproveitando que demonstrara.

Saudações

Bento Ribeiro. (04 /01/1912, FBN)

Em carta de Bento Ribeiro²⁸ enviada a Coelho Netto, como exposto acima, o então Prefeito do Distrito Federal tece elogios pela competência com que o professor dirigia a Escola Dramática Municipal depois de dois anos de sua fundação. Também pediu para que os mesmos chegassem ao corpo docente e alunos da escola. Na época, a Escola Dramática era constituída, segundo o seu regulamento, pelo diretor, o pessoal da administração (secretário, contínuo e servente) e o corpo docente formado pelos professores: João Ribeiro (Prosódia), Alberto de Oliveira (Arte de Dizer), Cristiano de Souza e Eduardo Victorino (Arte de Representar), Fernando Magalhães (Fisiologia das Paixões) e Coelho Netto (História do Teatro e Literatura e também Diretor).²⁹

Apesar dos elogios, a luta para mantê-la em funcionamento e com a disciplina com que Coelho Netto desejava, não foi tarefa fácil, levando-o quase a desistir, como apresentado em uma carta enviada ao prefeito Serzedelo Corrêa, em 20 de setembro de 1910, meses após sua inauguração. Nela, pedia demissão e reclamava da má administração do Sr. Guilherme da Rosa, na época, empresário responsável por dirigir o Teatro Municipal, que não atendia os pedidos feitos por ele acerca das demandas da escola de teatro que dirigia. Porém, Bento Ribeiro não aceita o pedido de demissão de Coelho Netto, preferindo rescindir o contrato com o empresário, e logo depois expedindo o Decreto nº 823, do art. 4º, em junho de 1911, deliberando sobre o regulamento da escola. (ANDRADE, 1996)

A instituição também demorou a ter um lugar fixo, tendo funcionado, primeiramente, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, depois, no Instituto de Educação, em uma sala emprestada na Avenida Venezuela, e no Teatro João Caetano, só tendo sua instalação definitiva na casa que foi do Barão do Rio Branco, anos depois. Além disso, a exemplo de tantas outras instituições de ensino que vão assumindo diferentes denominações, em função de interesses políticos e reformas educacionais, ela passou por diversas mudanças de nomes, sendo conhecida por Escola Coelho Neto, Escola de Teatro e Cinema, Escola de Teatro Martins Pena, e, atualmente, por fazer parte da rede FAETEC, chama-se Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena. (MIGNOT, 2014)

Figueiredo indica que a história da Escola Dramática esteve ligada à construção do Teatro Municipal, que nasceu “em meio à polêmica e esteve longe de contar com a unanimidade, mas [seu] impacto, uma vez concluído, acabou por calar – ou pelo menos intimidar – os críticos” (2011, p. 46). O autor ressalta que, na opinião do cronista João do Rio, o Teatro Municipal havia proporcionado à cidade o “seu mais belo edifício” (idem), posicionando-se assim favorável à construção que provocara polêmica que dividia as opiniões dos cariocas:

²⁸ Bento Manuel Ribeiro Carneiro Monteiro (RS, 1856 – RJ, 1921) foi militar; prefeito do Distrito Federal, em 1910, que sucedeu Serzedelo Correia; e, substituído por Rivadávia Correia, ao final do governo Hermes da Fonseca, em 1914. (MESQUITTA, 2015). Para saber mais sobre seu mandato enquanto prefeito, ver: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RIBEIRO,%20Bento.pdf> [Acesso em 08 de fevereiro de 2021].

²⁹ Além de Coelho Netto, passaram por esta instituição, como diretores: Renato Viana, Oduvaldo Viana, Klaus Viana, José Wilker, Sergio Sanz, Anselmo Vasconcellos e Marília Trindade Barboza. Dos que fizeram parte do corpo docente, além dos já citados no texto, podemos encontrar: Cecília Meirelles, Viriato Correia, Delorges Caminha, Heloisa Maranhão, Gustavo Dória, Arlindo Rodrigues, Alexandre Trik, Fernando Pamplona, Junito de Souza Brandão, Aderbal Freire Junior, Alcione Araújo, Paulo José, Sergio Sanz, Edu Lobo, Denise Stocklos, entre outros. (SEPÚLVEDA, s/d).

Parte deste passado começou a vir abaixo ao ritmo da célere reforma urbana promovida na cidade do século XX. Assistindo a essas demolições com sentimentos ambivalentes, os cariocas dividiam-se entre progressistas e nostálgicos. O poeta Olavo Bilac decididamente não se incluía entre esses últimos. ‘Na cidade continuam as demolições’, comemorou ele, escrevendo numa crônica da *Gazeta de Notícias* publicada em 1903. Nela registrava com uma ponta de satisfação a chegada daquela onda avassaladora à área do antigo largo: ‘Agora já vetusta rua da Guarda Velha começa a ser desafogada. Talvez haja quem lamente a queda daqueles pardieiros medonhos – porque, neste mundo extravagante, não falta quem goste do que é abominável. Eu por mim confesso que a cada golpe das picaretas demolidoras, sinto um alívio no coração. Não há quem, mais do que eu, adore as tradições desta terra. Mas a tradição, para viver perpetuamente, não carece de ficar materializada em casas medonhas, em ruas tortas, em exemplares de arquitetura teratológica’. (FIGUEIREDO, 2011, p. 48)

Assim como Olavo Bilac e João do Rio, Coelho Netto também compartilhava da ideia de que a construção do Teatro Municipal seria importante para revigorar e modernizar a cidade do Rio de Janeiro, que contava apenas com poucas casas de espetáculo – Lírico, Apolo, Recreio, Carlos Gomes, Pálace, São Pedro, Exposição e Lucinda – para uma população de 800.000 habitantes, como lembra Andrade quando explica que, no momento em que foi criado, a Capital Federal passava por um processo de modernização, com reformas urbanas, e a sociedade vivia dominada pelo francesismo que informava e conformava “as idéias da literatura, da educação, da moda, das diversões. A própria reurbanização introduz a arquitetura *art nouveau*. Mas, paralelamente há uma crescente reação nacionalista, que vem desde 1890, e que visa principalmente a valorização do homem brasileiro” (ANDRADE, 2009, p.4).

Nesse período, Coelho Netto e Arthur Azevedo, dentre outros, não se cansavam de chamar atenção pela imprensa para “a decadência do teatro nacional, para a necessidade da criação de uma companhia brasileira e de uma escola de arte dramática, ao mesmo tempo em que, provavelmente, ir ao teatro era um dos melhores programas da cidade” (ANDRADE, 2009, p.4). Para responder a crítica que fazia ao modo como os atores eram recrutados para encenar as peças no Rio de Janeiro Coelho Netto convidara para encenar a sua peça *Pelo Amor!* (1898), artistas amadores e, em especial, estudantes de cursos superiores e grêmios amadores das artes (CARVALHO, 2008).

É nesse contexto histórico e social que a Escola Dramática fora criada, pelo Decreto nº 1.167, no dia 13 de janeiro em 1908, na cidade do Rio de Janeiro, atrelada à construção do Teatro Municipal:

Artigo 19º - O Prefeito promoverá a criação de uma escola dramática destinada ao estudo da língua portuguesa, reta pronúncia, declamação e prática teatral. As aulas, que serão regidas por profissionais de reconhecida competência destinar-se-ão a ambos os sexos e serão de frequência gratuita. (ANDRADE, 1996, p. 73)

Na visão de Paulo Coelho Netto (1957), a indicação de Coelho Netto para a direção da escola se deu em decorrência do sucesso que havia conquistado na inauguração do Teatro Municipal, evento no qual foi apresentada *Bonança*, peça de sua autoria. A inauguração da

mesma só aconteceria dois anos depois, no dia 15 de abril de 1910, quando Coelho Netto proferiu seu primeiro discurso, publicado posteriormente, junto a outros discursos e conferências dele, no livro *Palestras da tarde* (1911), quando discorreu sobre a finalidade da escola, defendendo que:

Aqui o alumno virá aprender a reproduzir as emoções humanas, desde a que ri, na comedia, até a que alucina e desfigura na tragédia; reflectirá como um espelho e, reproduzindo a alegria ou o soffrimento, será, ao mesmo tempo, o interprete da nossa poesia dramatica, tanto tempo e humilhantemente açacanhada pelo córdace obsceno; virá afinar o seu dizer pela nossa prosódia, sem, todavia, sacrificar o vernaculo, senão apurando-o no falar estreme; virá exercitar-se na arte das cenas movendo-se com elegancia, ouvindo com discreção, atalhando com a proposito, dialogando com eloquencia, sabendo estar em todas as attitudes, sem comprometer a graça com o jeito canhestro do pastrano nem affectar, até ao ridículo, a posição e o jeito; virá, enfim, a ter ideias geraes do bello e conhecer a historia do theatro, desde os grandes dias dyinisiacos até ao refferer da vida intensa deste seculo. Já era tempo de termos esta didascalía. (COELHO NETTO, 1911, p. 135)

Nele, Coelho Netto também defendeu que fundar uma escola era construir o futuro, pois acreditava que era nela que o povo poderia se transformar em nação. Justificou que apesar da escola que ali estava sendo inaugurada, não fosse “das que iniciam a intelligencia no trato das letras” (idem), se referindo à educação primária e secundária, a sua instrução seria para imitá-la, guiada, com isso, ao “conhecimento da alma” (idem). Acrescenta que os governos deveriam saudar as inaugurações de escolas, pois, a construção destas, significava prosperidade e defesa da pátria.

Sobre esta questão, Marta M. Chagas Carvalho aponta que o modelo de escola, instaurado durante a República, representou uma nova ordem para fugir das trevas, obscurantismo e opressão marcado pelo regime que o antecedia, e um futuro luminoso, no qual saber e cidadania andavam juntos para se chegar ao progresso. Tornava-se necessário a escola se fazer ver “como signo da instauração da nova ordem, [...] daí a importância das cerimônias inaugurais dos edifícios escolares [...] o rito inaugural repunha o gesto instaurador” (1989, p.23). Nesse sentido, a construção de uma escola de formação do ator também seria uma reforma do teatro brasileiro, marcado pelo teatro obsceno, que só visava o lucro que Coelho Netto tanto apontava em seu discurso. Para ele, o desânimo dos poucos artistas que labutavam nessa causa, a favor da arte, foram cedendo lugar aos “invasores”, referindo-se, assim, aos estrangeiros que comandavam as companhias de teatro no país.

Com isso, o papel do ator seria, então, o de interpretar o poeta, que, por sua vez, interpretaria o povo, de modo a interpretar o tempo, acreditando que era essa a “vida que [aparecia] no Theatro em clarões mais ou menos intensos – ora pallidos, ora rubros, ora violáceos, mas sempre a Vida” (COELHO NETTO, 1911, p. 138). O entusiasmo pela educação depositado durante a Primeira República entre os intelectuais, assim como foi com Coelho Netto, fundamentava-se na crença de que era através desta que se solucionariam todos os males da sociedade, como também defendeu em outros escritos, como crônicas em jornais, livros didáticos e outros, destinados ao público adulto, bem como ao infantil. Assim,

o papel da educação foi hiperdimensionado: tratava-se de dar forma ao país amorfo, de transformar os habitantes em povo, de vitalizar o organismo nacional, de construir a nação. Nele se forjava projeto político autoritário: educar era moldagem de um povo, matéria informe e plasmável, conforme os anseios de Ordem e Progresso de um grupo que se auto-investia como elite com autoridade para promovê-los. (CARVALHO, 1989, p. 9)

Outras missivas que merecem destaque para seguir um pouco mais nos caminhos traçados por Coelho Netto na Escola Dramática, são aquelas enviadas por João Ribeiro e recebidas pelo diretor, tratando sobre: sua substituição na disciplina “Prosódia”, uma por motivo de viagem, em outro momento a propósito de uma cirurgia que iria fazer, dentre outros³⁰. Silva e Clemente (2014) sugerem que um dos motivos pelo qual João Ribeiro teria aceitado assumir a cadeira de Prosódia da escola de teatro, envolvia a relação que estes sujeitos mantinham, e que poderia ser explicitado através de suas cartas. Em uma delas, tratando sobre seu afastamento para se sujeitar à cirurgia, podemos observar a informalidade com que se comunicavam:

Meu Caro Coelho Netto,
Venho pedir-lhe uma desgraçada licença de 25 a 30 dias. Estou com grande pedra na bexiga, o que não sabia, apesar de muitos sofrimentos que tenho passado. O Dr. Alberto Ramos determinou que sem perda de tempo me recolhesse ao [...] Hospital (rua da Passagem) onde devo ser operado sem demora, pois estou sob risco de infecção mortal.
Entro para o hospital n’esta semana e o mais irá a Deus misericórdia.
Um abraço,
João R. (23/03/1913, FBN)

Ao observar os protocolos de escrita epistolar presentes nessas cartas enviadas por João Ribeiro, podemos encontrar seis partes como o endereço de quem envia, o endereço de quem recebe, a data, os cumprimentos de início, o corpo da carta e a despedida, “que acreditam la función comunicativa depositada en la producción epistolar y la sacralización de cuanto rodea dicha actividad” (CASTILLO GÓMEZ, 2002, p. 15). Nesta carta, percebemos que o professor utilizava uma linguagem informal, referindo-se a Coelho Netto como “Meu caro”, sem um papel de muita qualidade ou timbres e selos para compor sua mensagem.

A linguagem das cartas, principalmente as de cunho pessoal, segundo Cunha, “é desprovida de formalidades ou palavreado rebuscado” (2015, p. 279). Assemelha-se a um diálogo entre amigos, por isso há liberdade de ideias e sentimentos. Portanto, podemos dizer que as cartas entre João Ribeiro e Coelho Netto são cartas entre amigos, ao mesmo tempo, que o seu conteúdo aponta para o trabalho exigido, pois o remetente pedia licença para que pudesse se ausentar por motivo de doença, e a escreve para Coelho Netto por ser o seu chefe:

³⁰ Sobre a relação entre João Ribeiro e Coelho Netto conferir SILVA, Alexandra Lima da, CLEMENTE, Marcela Guimarães. Teatro das Letras: papéis de João Ribeiro para Coelho Netto. In: MIGNOT, Ana Chrystina V., SILVA, Alexandra L. da, SILVA, Marcelo G. da. *Outros tempos, outras escolas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2014.

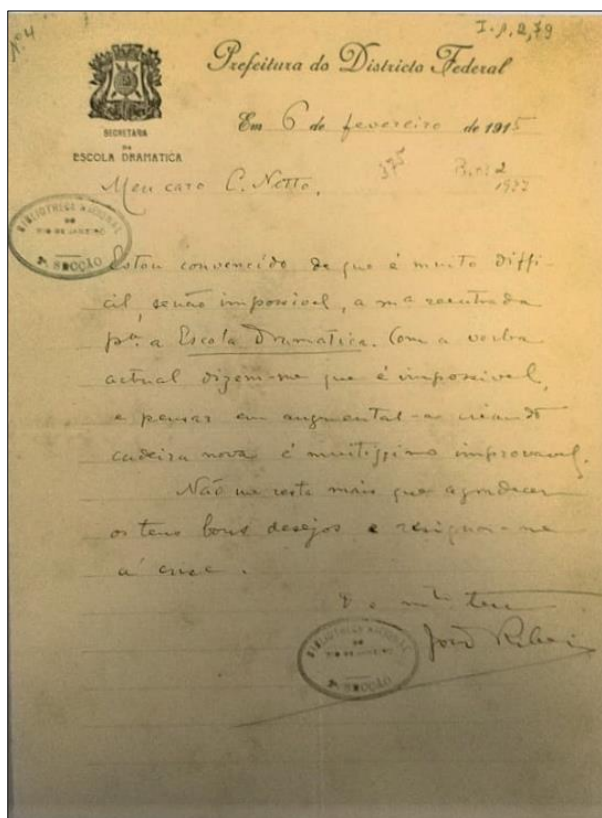
Meu Coelho Netto,
Chegas hoje nas primeiras horas da noite; e estou impossibilitado de ir ao teu encontro. As [...] horas começa um pequeno sarau em nossa casa onde tenho que receber varias pessoas. Comemorando-se o dia de Stª Cecilia [...]
Iremos, depois, ver-te e a Gaby que aliás devem estar monopolizados pelos filhinhos tão [...].
Um abraço
O João.
P.S.
Na Escola Dramat. Estamos a concluir os exames. Então foi bem.
(22/11/1913, FBN)

O *post scriptum*, como todos os elementos que compõem uma carta, exige interpretação e, nesta, chama a atenção para o fato de que naquele momento Coelho Netto encontrava-se ausente do Brasil. Duas notas publicadas no jornal *O Imparcial*, no dia 3 de maio de 1913, indica que o diretor da Escola Dramática viajaria para a Europa e que deixaria, temporariamente, em seu lugar, João Ribeiro:

Partirá para a Europa, a 27 do corrente, tendo tomado passagem no transatlântico allemão “Sierra Nevada”, o grande escritor patricio e ilustre deputado federal Henrique Coelho Netto.
Coelho Netto, ultimamente, não tem passado bem de saúde, e, a conselhos de seus médicos e dos seus muitos amigos e admiradores, resolveu empreender essa viagem, que lhe será, cremos, de todo em todo aproveitável, restituindo-lhe, a completo, a saúde.
Em sua companhia, partirá tambem a sua extremosa esposa, exma. Sra. d. Gaby Coelho Netto, ornamento das altas esferas da sociedade carioca.
A ambos, respeitosamente, antecipamos todos os votos de felicidades.

Por todo este mez, talvez no dia 27, partirá para a Europa o dr. Coelho Netto, director da Escola Dramática Municipal.
O ilustre literato, a conselho medico, vae fazer uma estação de aguas em Vichy, em companhia de sua esposa.
Durante a ausência do dr. Coelho Netto, assumirá a direção da Escola Dramática um dos seus professores.
Dizem que o escolhido será o dr. João Ribeiro, que também lecionará a cadeira de historia do theatro.
Ao regressar de Vichy, sabemos que o Dr. Coelho Netto, juntamente com o dr. Oliveira Passos, director do Theatro Municipal, vae, de acordo com o general Bento Ribeiro, tratar seriamente da organização definitiva do theatro nacional. (*O IMPARCIAL*, ed. 00150, 03/05/1913, p. 8, Hemeroteca Digital da FBN)

Posteriormente, por motivo de viagem que realizaria à Europa, João Ribeiro escreve novamente ao amigo e diretor, em 30 de abril de 1914, dessa vez, solicitando a exoneração de seu cargo. Estava decidido a se mudar de vez para Suíça, e por conta disso escreve ao “chefe, amigo e companheiro excelente”. Ao retornar para o Brasil, em função da guerra, João Ribeiro tenta de alguma maneira voltar ao corpo docente da Escola Dramática, pois em carta datada em 06 de fevereiro de 1915, o ex-professor de Prosódia se diz convencido de que com a verba atual da escola, seria impossível readmiti-lo em uma cadeira nova da instituição.

Figura 2. Carta de João Ribeiro a Coelho Netto, 06/02/1915

Fonte: Seção de Manuscritos, FBN.

Termina a carta lamentando não lhe restar mais que agradecer os bons desejos do amigo e resignar-se à crise, como pode ser observado na figura anterior. Ao voltar para o Brasil, João Ribeiro estava pleiteando uma nova cadeira da escola de teatro, pois, provavelmente sabia que fora substituído por José Oiticica,³¹ convidado por Coelho Netto para reger a cadeira de Prosódia. Em agradecimento, por carta, o professor Oiticica respondeu:

Illmo. Im. Diretor da Escola Dramatica Saúdo a V.I.

Profundamente penhorado com o honroso convite que me fez V. I. para assumir a regencia da cadeira de prosodia da Escola Dramatica em substituição ao povicto professor João Ribeiro, respondendo a V. I. agradecendo a confiança que em mim deposita e promptificando-me a secundar o nobre esforço de V. I. fazendo quanto em mim couber por não desmerecer de tão alta incumbencia.

Aguardando as ordens de V. I.

Subscrevo-me

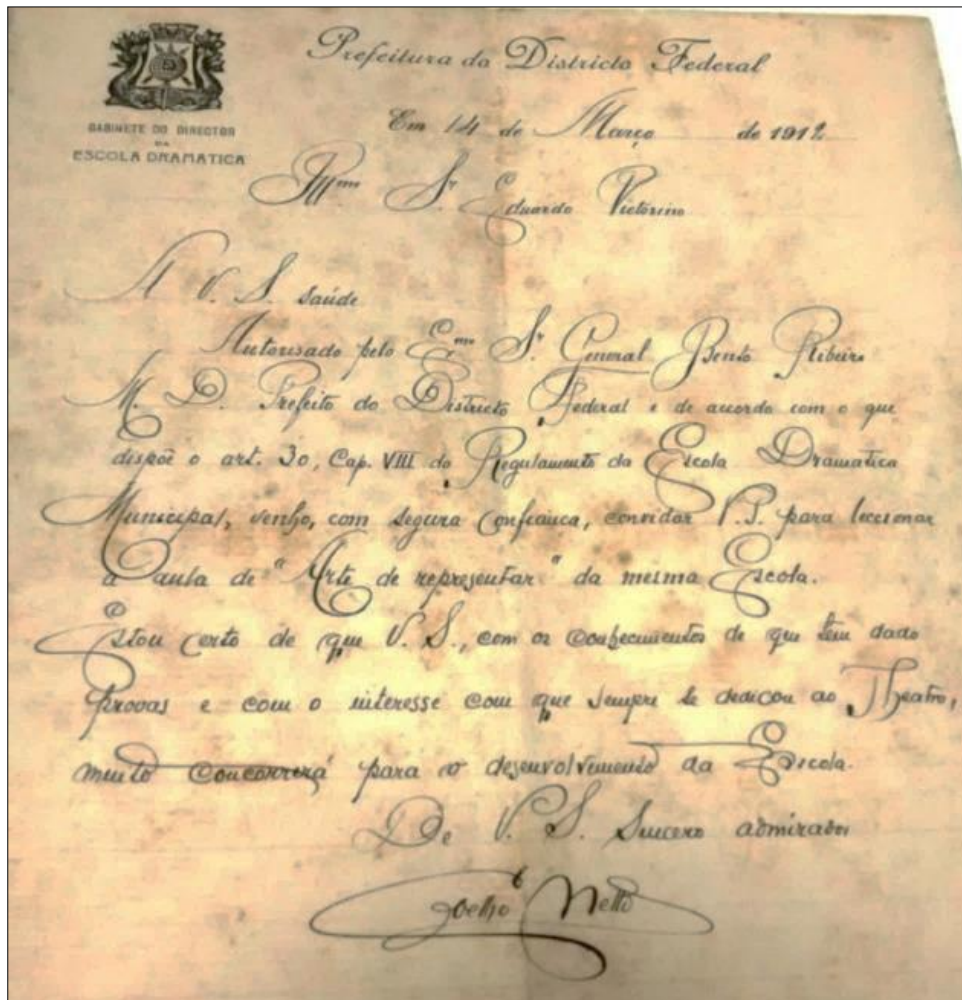
Admirado e obrigado

José Oiticica. (04/05/1914, FBN)

³¹ José Rodrigues Leite e Oiticica (MG, 1882–RJ, 1957), filólogo e professor, passou a lecionar na Escola Dramática, a partir de 1914. Em 1917, foi nomeado professor de português do Colégio Pedro II. Lecionou filologia portuguesa na Universidade de Hamburgo, na Alemanha, entre os anos de 1929 e 1930. Depois disso, lecionou também na Universidade do Distrito Federal. Publicou *Princípios e fins do programa comunista-anarquista* (1919), *A doutrina anarquista ao alcance de todos*, *Estudos de fonologia* (1916), *Do método no estudo das línguas sul-americanas* (1930), *Roteiro de fonética fisiológica*, técnica do verso e dicção e *A teoria da correlação* (1955). Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_oiticica [Acesso em 8 de fevereiro de 2021].

Enquanto nas cartas de João Ribeiro a Coelho Netto demonstravam ser trocas de palavras entre amigos, a carta de José Oiticica irá apontar distância entre os dois, devido ao tratamento formal utilizado pelo seu remetente que, em 1917, foi nomeado professor de português do Colégio Pedro II, enquanto Coelho Netto encontrava-se em disponibilidade desse ginásio nessa época, mas ainda mantinha vínculo com a instituição, indicando que as redes de sociabilidade entre os professores das duas instituições permaneciam.

Figura 3. Carta de Coelho Netto a Eduardo Victorino, 14/03/1912



Fonte: Arquivo Pessoal do Acadêmico Coelho Netto/ ABL

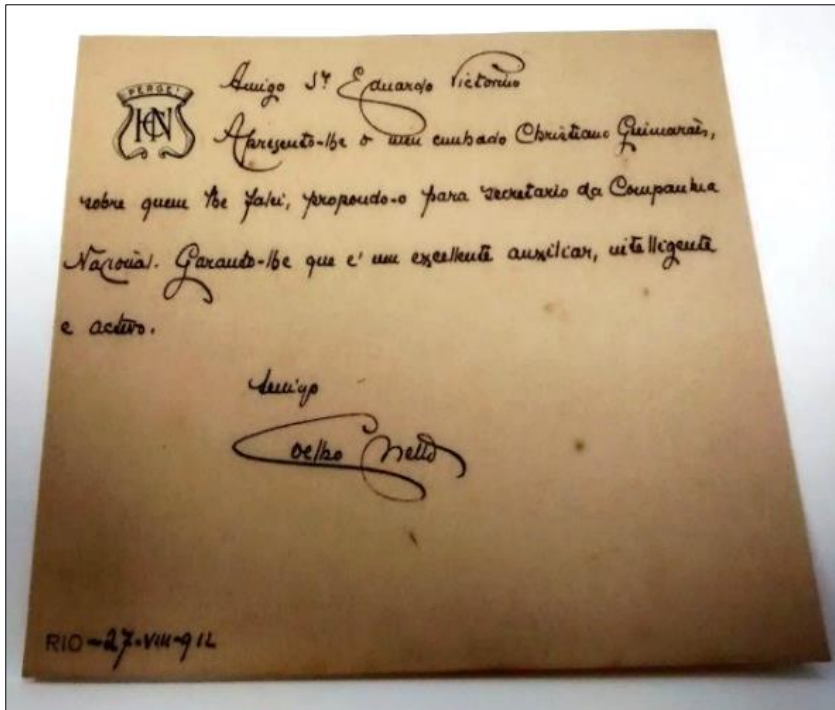
O mesmo tipo de formalidade da carta de Oiticica estará presente também nas cartas que Coelho Netto enviou a Eduardo Victorino³² – que, posteriormente publicou um material sistematizado sobre o que ensinava nessas aulas, chamando-o de *Compêndio da Arte de Representar* (1912),³³ reeditado e ampliado em 1916, com o título *Para ser ator* – convidando-

³² Eduardo Victorino (1869, Portugal – 1949, RJ), foi empresário, autor e diretor teatral. Foi contratado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, para patrocinar os espetáculos do Teatro Municipal, devido à crise gerada pelo gestor Guilherme Da Rosa, em 1912. (ANDRADE, 1996)

³³ Este livro “é composto por 115 notas, a maioria delas curtas, que ensinam noções básicas, porém muitas vezes de realização prática extremamente complexas” (ANDRADE, 1996, p. 94). Podemos localizar um exemplar deste livro na FBN, na seção de Obras Gerais.

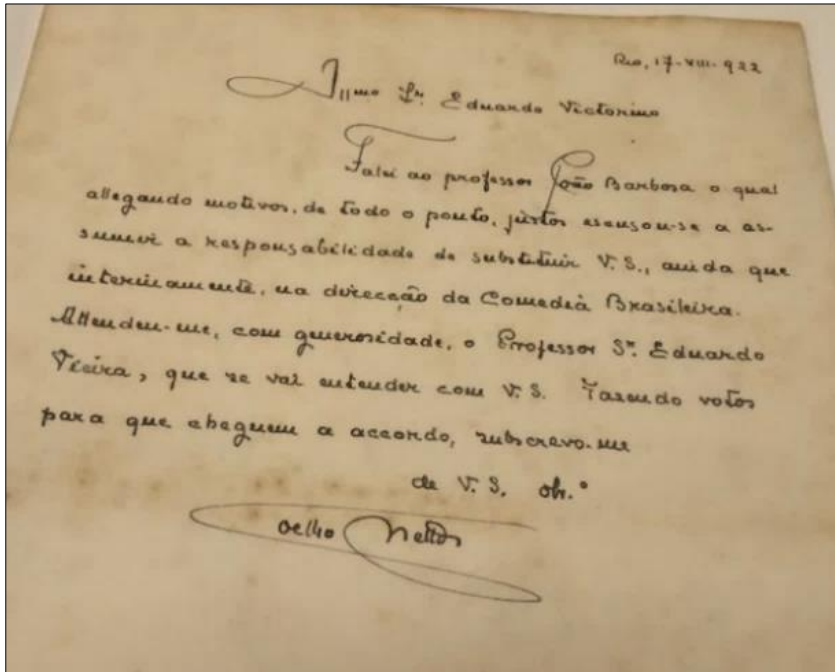
o a preencher a vaga de professor da cadeira “Arte de Representar”. É interessante notar a linguagem rebuscada utilizada por Coelho Netto, a letra desenhada e o tratamento formal: “Illmo Sr. Eduardo Victorino”, “Emº Sr. General Bento Ribeiro”, “V. S.”, além do papel timbrado da Escola Dramática, mais especificamente do “Gabinete do Director”, e na parte de cima da cartão escrito “Prefeitura do Distrito Federal”, indicando que poderia se tratar de uma carta oficial, isto é, administrativa, representando o contrato selado entre o diretor, Coelho Netto, e o professor, Eduardo Victorino.

Figura 4. Carta a Eduardo Victorino, 27/08/1912



Fonte: Arquivo Pessoal do Acadêmico Coelho Netto/ ABL

Localizamos, nesse mesmo arquivo, outras cartas de Coelho Netto endereçadas a esse mesmo remetente, como veremos adiante, no qual, a partir da data, se pode perceber que Eduardo Victorino já estava atuando como professor da Escola Dramática, e que, pelo formato da escrita aparentemente, menos formal, sinaliza que Coelho Netto não se comunicava enquanto diretor, mas sim como amigo. Dentre as missivas localizadas nos acervos em geral, havia algumas nas quais Coelho Netto apresentava alguém ao destinatário, como demonstrado pelo cartão da Figura 4, com as iniciais do seu nome no papel timbrado, ora pedindo, ora concedendo um favor a alguém. Neste caso, Coelho Netto apresentava Christiano Guimarães a Eduardo Victorino, propondo-lhe que seu cunhado preenchesse a vaga de secretário da Companhia Nacional, garantindo ser um excelente auxiliar, inteligente e ativo. Podemos perceber as relações implícitas de autoridade a partir dessa carta, pois Coelho Netto indica o cunhado para trabalhar com Eduardo Victorino, garantindo-lhe que ele faria um bom trabalho. Como recusar uma indicação feita pelo seu próprio diretor?

Figura 5. Carta a Eduardo Victorino, 17/08/1922

Fonte: Arquivo Pessoal do Acadêmico Coelho Netto/ ABL

Já na carta da figura 5, podemos observar que Coelho Netto já modifica sua saudação ao professor Victorino utilizando “Illmo. Sr. Eduardo Victorino”, falando sobre um professor que não poderia substituir o destinatário, interinamente, na direção da Comédia Brasileira, que, contudo, apresenta-lhe outro professor que teria a generosidade de aceitar a substituição e que logo trataria diretamente com ele. Em despedida, Coelho Netto escreve “fazendo votos que cheguem a acordo, subscrevo-me de v.s. abrº Coelho Netto”.

Em 16 de novembro de 1912, Coelho Netto escreveu novamente ao professor da Escola Dramática, dessa vez, uma carta com duas páginas completas, com a letra também desenhada, com uma caligrafia bem característica do remetente e com o mesmo tratamento utilizado no cartão anteriormente “Amigo Sr. Eduardo Victorino”. Ao correr de sua pena, tece elogios ao professor de *Arte de Representar*, agradecendo-lhe por ter dirigido a peça “O Dinheiro”, de sua autoria e dizendo que havia realizado um sonho:

Quando o convidei para companheiro de jornada, apresentando-o ao Exmo. Sr. General Prefeito como homem que eu, ansiosamente, procurava, com força d’alma bastante para a obra formidável do reerguimento do nosso Theatro, já lhe conhecia a inteligência por havel-a sentido, clara e firme, na cadeira da Escola Dramatica, que a sua proficiência illustra. O didacta assiduo e energico anunciava o administrador provector, o ensaiador minucioso, o agitador d’almas que surgiu no palco levando dos originaes dos nossos escriptores, não figuras de cordel, mas personalidades, e movendo-as com segurança de mestre a ponto de fazer de um corpo morto, qual era o nosso Theatro, uma vida que vibra. Já pelas suas mãos passaram 4 originaes brasileiros e todos tiveram a sorte que teve o barro nas mãos divinas. Os autores disseram-lhe palavras de justo louvor. Eu venho, por minha vez, agradecer-lhe o interesse e a dedicação com que galvanisou a peça da minha lavra escassa. Mas não é só como autor d’O dinheiro que aqui

me tem agradecido, mas principalmente porque lhe devo a realização de um sonho. Estávamos á beira do jazigo do nosso Theatro contemplando-lhe o frio cadáver. Faltava-nos um homem ousado que lhe descesse ácrypta, levantasse nos braços o corpo inerte e nelle insuflasse alento e lhe reaccendesse os olhos, abrisse-lhe a voz, distendesse-lhe os nervos, definisse-lhe o sangue, e por fim, lhe bradasse o “Surge et ambula” do milagre. Foi o que fez o amigo merecendo a gloria grande dessa ressurreição. Hosannah!

Devo um testemunho publico da minha gratidão aos interpretes do Dinheiro: a Maria Falcão e Ferreira de Souza; a Gabriella Montani e Antonio Ramos; a Luiza de Oliveira e João Barbosa; a Judith Saldanha e Carlos Abreu; a Martha de Sousa e Alvaro Costa; a Castello Branco e Antonio Sampaio e a Jayme Silva, que illustrou o meu trabalho. Estendo os meus agradecimentos aos demais da Companhia que, se não entraram na peça que alinhavei, muito fizeram pelo exito da minha ideia, defendendo-a galhardamente. A todos, reunindo-os no meu abraço, digo, muito do coração: obrigado! E ao meu amigo, cuja obra começa e só findará no dia em que tivermos definitivamente o Theatro para o nosso genio, que hei de dizer? As palavras do meu agradecimento dil-as-á o Tempo, cuja voz sôa eterna.

Amigo sincero e agradecido

Coelho Netto. (16/11/1912, ABL)

As cartas trocadas por Coelho Netto e os demais sujeitos, demonstram sua autoridade enquanto diretor de uma instituição escolar, mesmo que estas sejam informais, pessoais ou oficiais, pois dentre as incumbências do diretor, segundo os regulamentos da instituição, estavam: exercer a inspeção superior da escola providenciando sobre todos os assuntos que se referiam ao ensino e à disciplina bem como à escolha do corpo profissional da escola, como exemplificado em algumas missivas anteriormente citadas. No Arquivo Pessoal de Luís Murat, na Academia Brasileira de Letras, há uma carta de Coelho Netto pedindo a devolução de alguns livros para usar nas suas aulas na Escola Dramática e emprestar ao Miguel Couto para estudar o folclore amazônico.³⁴

Lima (2010) assinala que, no campo das cartas, a relação contratual permite elucidar a respeito das contradições apresentadas nos textos de um determinado missivista, isto é, como um mesmo sujeito contém diferentes perfis identitários, pai, amigo, professor, diretor, literato, político, etc. No caso de Coelho Netto, devemos levar em conta que ao exercer seu papel de diretor, ele também atuava como deputado federal do Maranhão. Logo, na Câmara, ele poderia dar visibilidade aos assuntos de seu interesse, como o fez, de modo incessante ao discursar pela causa da cultura e da nacionalização do teatro brasileiro. Isto o legitimou para dirigir uma escola que pudesse formar atores para ocuparem os palcos do seu próprio país, ideal almejado também por Eduardo Victorino. Enquanto diretor, Coelho Netto conseguia conciliar as vantagens de um político pois, enquanto deputado, tinha o reconhecimento por ser um “homem das letras” atuando no magistério.

Ao atuar como diretor e também professor da Escola Dramática, Coelho Netto almejava educar atores para interpretar o povo e assim o moldar, segundo os padrões de sociedade que considerava como sendo ideais. A escola foi um desses meios que possibilitou pôr em prática o modelo educacional que considerava ser o mais adequado para se obter o progresso do país, civilizar para progredir.

³⁴ Ver descritor do Arquivo Pessoal de Luís Murat. [ABL]

Ao selar do envelope: a despedida

*Amigo sincero e agradecido,
Coelho Netto.*

(Carta a Eduardo Victorino, 16/11/1912, ABL)

Com o intuito de nos aproximarmos da função exercida por Coelho Netto, como diretor da Escola Dramática, que durou em torno de vinte anos, recorreremos à correspondência desse intelectual, localizada em acervos presentes na cidade do Rio de Janeiro, como ABL e FBN. Entendendo que “escrever cartas exige tempo, reflexão e disciplina, pois é uma forma de compartilhar vivências mais pessoais, íntimas e até mundanas” (BASTOS, CUNHA e MIGNOT, 2002, p.5), aquelas aqui investigadas permitiram adentrar pelas demais facetas desse sujeito e privilegiar as de diretor e professor, especialmente quando esteve à frente da escola de teatro, período no qual exerceu concomitantemente outras atividades na cena cultural e política, tornando possível surpreendê-lo enquanto escrevia peças de teatro para adultos e crianças; como escritor preocupado com a disseminação da língua vernácula, com a divulgação e tradução de seus livros; e como deputado federal que discursava em nome das artes e da educação.

Enquanto escrevia e lia cartas, Coelho Netto atuava no magistério, na Câmara dos Deputados, na imprensa, assim como na direção da Escola Dramática, acompanhou o processo de escolarização do país, visto que depois de instaurada a República tornou-se necessário colocar em prática o projeto republicano de fundar escolas. Atuar em várias frentes, e, principalmente na direção de uma escola que formaria ‘almas’ para ensinar como o povo brasileiro deveria se comportar em sociedade era uma maneira de colocar em prática também, o que considerava ser o seu ideal de civilização, com base nos moldes europeus, principalmente aqueles advindos da França.

Entendendo que há uma diferença entre viver, narrar e guardar, as cartas, como qualquer documento, não trazem todo o vivido. Contêm fragmentos das experiências. Revelam e ocultam. Exigem um olhar atento para outros documentos que ajudem a interrogar os ditos e não ditos. Diferentemente do que por vezes se supõe, não trazem necessariamente segredos, mas permitem capturar, em meio às informações, confidências e desabafos, algumas dificuldades e estratégias em curso que sem elas poderiam ficar confinadas aos bastidores. Também nem todas as cartas escritas foram lidas. As lidas necessariamente não foram respondidas. As escritas, lidas e respondidas nem sempre foram guardadas.

Trabalhamos, portanto, com cartas guardadas por Coelho Netto que tornam possível acompanhar o início de sua longa permanência à frente da direção da Escola de Arte Dramática – a primeira escola brasileira para a formação do ator – nas quais se destacam as trocas com aqueles que, como ele, pertenciam à elite letrada. Aquelas aqui lidas e interpretadas não trazem explicitamente os nomes dos professores que nela atuaram, nem o currículo implantado. No entanto, os sujeitos presentes na correspondência de Coelho Netto e, através das linguagens utilizadas pelos mesmos nessas trocas de palavras, proporcionaram compreender a composição do corpo docente contratado para as cadeiras de Prosódia portuguesa e elementos da estética; Arte de dizer; Arte de representar e caracterização; História e Literatura dramática; Psicologia das paixões: expressão das emoções, mímica; Cenografia e perspectiva teatral, indumentária e tecnologia; Exercício de corpo livre, atitude e esgrima. O que se observou foi que algumas dessas disciplinas permaneceram ao longo dos anos na instituição, modificando apenas nomes e “absorvendo as transformações de novas técnicas de interpretação” (SEPÚLVEDA, s/d, p. 3).

Seguindo as redes de remetentes e destinatários, pode-se confirmar a interpretação já tecida em outros estudos de que seus esforços para definir o corpo docente da mesma, formado, em sua maioria, por “imortais” da Academia Brasileira de Letras, com exceção dos professores Cristiano de Souza e Eduardo Victorino que eram diretores de teatro, visavam dar visibilidade e “credibilidade à escola, atrair jovens de classe burguesa, cujas famílias, certamente, se sentiriam mais confiantes e seguras de ter seus filhos orientados por [professores] tão ilustres” (ANDRADE, 2014, p.190), organizando, deste modo o currículo da escola de acordo com o modelo de teatro que privilegiava. Coelho Netto estava convencido de que o trabalho desenvolvido na Escola Dramática era responsável por reverter a situação em que se encontrava a cena teatral brasileira: “Estávamos á beira do jazigo do nosso Theatro contemplando-lhe o frio cadáver”, como afirmou na carta anteriormente citada remetida a Eduardo Victorino, em 1912.

As cartas também silenciam. Neste caso, omitem nomes de alunos que passaram pela Escola Dramática, o que exigiu recorrer a outras fontes. Pelas salas de aula e pelos palcos daquela instituição de formação do ator, ao longo dos anos, passaram, por exemplo, Procópio Ferreira, Sadi Cabral e Tereza Rachel (SEPÚLVEDA, s/d), o que sugere que Coelho Netto atingiu seu objetivo de romper com a improvisação na cena teatral. Uma única carta guardada e localizada, sugere as dificuldades enfrentadas pela Escola Dramática com a direção do Teatro Municipal, o que persistiu visto que seu funcionamento não se manteve no espaço para o qual foi criada. No decorrer do tempo, sua localização se deu em outros estabelecimentos existentes até encontrar uma sede própria.

Ao concebermos tais cartas enquanto “lugares de sociabilidade”, podemos afirmar que Coelho Netto cultivava, através de sua escrita epistolar, um intercâmbio intelectual, pois é por meio destas que “as pessoas, mesmo distantes fisicamente, [poderiam] trocar idéias e afetos, construir projetos mútuos ou discutir planos opostos e estabelecer pactos ou polêmicas e organizar ações conjuntas” (VENANCIO, 2002. p. 223). Dirigidas às autoridades, aos políticos, aos imortais da Academia Brasileira de Letras, a professores interessados ou convidados a lecionar na escola, a prática de escrita de cartas em si mesma contribuía para a legitimação da Escola Dramática como a instituição de formação do ator. Enquanto informava, reivindicava, atendia ou negava pedidos, Coelho Netto também se legitimava como o defensor do ensino de teatro e do teatro brasileiro.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Inventário impresso*. Guia Geral de Fundos do Arquivo dos Acadêmicos.

ANDRADE, Elza de. *Escola Dramática Municipal: A Primeira Escola de Teatro do Brasil - 1908-1911 (Subsídios para uma História da Formação do Ator Brasileiro)*. Rio de Janeiro: UNIRIO, Dissertação de Mestrado em Teatro, 1996.

ANDRADE, Elza Maria Ferraz de. Escola de Teatro Martins Pena: a primeira escola de Teatro no Brasil. *O Percevejo Online – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. PPGAC. UNIRIO*. Rio de Janeiro: UNIRIO, v. 1. n.º.2, p.1 – 12, 2009.

ANDRADE, Elza Maria Ferraz de. Escola Dramática Municipal: a primeira escola de teatro no Brasil. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, SILVA, Alexandra Lima da, SILVA, Marcelo Gomes da (orgs). *Outros tempos, outras escolas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2014, p.179-198.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Trad. Dora Rocha. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, 1998, p. 9-34.

BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Laços de papel. In: BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 5 – 12.

BESEN, Danielly Samara. *Os deslembados e seus apelos: uma história da profissão docente pelo viés do associativismo (Santa Catarina/Brasil – final do século XIX início do XX)*. Tese de doutorado. UDESC, 2021.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARVALHO, Marta M. Chagas. *A Escola e a República*. São Paulo: Editora brasiliense, 1989.

CARVALHO, Danielle Crepaldi. A luta pelo teatro: o lugar de “Pelo Amor!” de Coelho Netto na produção teatral dos últimos anos do século XIX. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências*. São Paulo: USP, 2008, s/p. Disponível em: [file:///C:/Users/acmig/Downloads/A%20luta%20pelo%20teatro%20de%20coelho%20netto.%20CARVALHO,%20Danielle%20Cripaldi%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/acmig/Downloads/A%20luta%20pelo%20teatro%20de%20coelho%20netto.%20CARVALHO,%20Danielle%20Cripaldi%20(1).pdf). Acesso em 16 de outubro de 2021.

CARVALHO, Danielle Crepaldi. “Arte” em tempos de “chirinola”: a proposta de renovação teatral de Coelho Netto (1897-1898). (Dissertação de mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2009.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “Como o polvo e o camaleão se transformam”: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In: BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 13 – 56.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. «Muchas cartas tengo escritas» Comunicació Epistolar I correu a l’Espanya moderna. IN: IGLESIA-FONSECA, J. Antoni. *Communicatio: un itinerari històric*. Barcelona: Nausíacaä, 2013. p. 133-164.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Sociedad y cultura epistolar en la historia (siglos XVI-XX). In: Cinco siglos de cartas. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio, SIERRA BLAS, Verónica. *Cinco siglos de cartas*. Historia y prácticas epistolares en las épocas moderna y contemporánea. 1ªed. Huelva. 2014, p.25-53.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Escritas, textos e leituras: formas de fazer história da cultura escrita. In: PATRIOTA, Rosângela, RAMOS, Alcides Freire (Orgs). *Escritas da história: circulação, leituras e recepções*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Capes, 2017, p.55-96.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio, SIERRA BLAS, Verónica. ¿Por qué ustedes son capaces de imaginarse un mundo sin cartas? In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio, SIERRA BLAS, Verónica. *Cinco siglos de cartas*. Historia y prácticas epistolares en las épocas moderna y contemporánea. 1ªed. Huelva. 2014.

- COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Palestras da Tarde*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911.
- COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1957. [ABL]
- COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1942.
- CUNHA, Rick Azevedo da. “Eu, Euclides” – a autodenominação de Euclides da Cunha em sua produção epistolar. In: CONSIDERA, AnabelleLoivos, PIETRANI, Anélia Montechiari, SANGENIS, Luiz Fernando Conde. *Euclides, Mestre-Escola*. Rio de Janeiro: Ed Uerj. 2015, p.277-292.
- FIGUEIREDO, Cláudio. O ponto de partida: a cidade em busca de seu teatro. In: SANTOS, Núbia Melhem (org.). *Theatro Municipal do Rio de Janeiro: um século em cartaz*. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2011, p.42-97.
- GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MESTRE SANCHIS, Antonio. La carta, fuente de conocimiento histórico. *Revista de Historia Moderna*. N. 18, 2000, pp. 13-26. DOI: <https://doi.org/10.14198/RHM1999-2000.18.01>
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Um homem de letras na cena escolar: Coelho Neto (1910-1934)*. Projeto Faperj, CNPq, Prociência. 2011.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 25, n. 11, jan./abr, 2006, p. 40-61.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Um homem de letras na cena escolar: Coelho Neto. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, SILVA, Alexandra Lima da, SILVA, Marcelo Gomes da. (orgs). *Outros tempos, outras escolas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2014, p. 199-220.
- LAPA, José Roberto do Amaral. *Coelho Netto em Campinas (1901 – 1904)*. Conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. 6 de fevereiro de 1960. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1960.120121>
- LIMA, Kleverson Teodoro. Cartas, História e Linguagem. *Revista de Teoria da História*, ano 1, nº 3, junho, 2010, p. 210-226.
- PADILHA, Tarcísio Meireles. Coelho Neto ou o culto à palavra. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro (RJ), v. 12, n. 49, p.53-74, out./dez. 2006.
- PETRUCCI, Armando. *Escribir cartas, una historia milenaria*. Buenos Aires: Ampersand, 2019. (Coleção dirigida por Antonio Castillo Gómez e traduzida por María Julia De Ruschi).
- SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos. *A Congregação da Escola Normal: da legitimidade outorgada à legitimidade (re)conquistada (1880-1910)*. 2011.155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada 3: República da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das letras, 1998. P. 423-512.

SEPÚLVEDA, José Antonio. *A centenária escola pública de teatro Martins Pena*. Rio de Janeiro, s/d, p.1-9. (mimeo). Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12799975/a-centenaria-escola-ppublica-de-teatro-martins-pena-faetec->. Acesso em 22 de setembro.

SIERRA BLÁS, Verónica. Escribir y servir: las cartas de una criada durante el franquismo. *SIGNÓ. Revista de Historia de la Cultura Escrita*. V.10 (2002). Universidad de Alcalá, Alcalá de Henares, pp. 121-140.

SIERRA BLÁS, Verónica. *Aprender a escribir cartas. Los manuales epistolares en la España contemporánea (1927-1945)*, Gijón: Ediciones Trea, 2003.

SILVA, Alexandra Lima da, CLEMENTE, Marcela Guimarães. Teatro das Letras: papéis de João Ribeiro para Coelho Netto. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, SILVA, Alexandra Lima da, SILVA, Marcelo Gomes da (orgs). *Outros tempos, outras escolas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2014, p. 221-237.

SILVA, Shayenne Schneider. *Mestre das Palavras: missão educativa de Coelho Netto na política, na imprensa e nas escolas*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2017.

VENANCIO, Giselle Martins. “Sopros inspiradores”: troca de livros, intercâmbio intelectuais e práticas de correspondências no arquivo privado de Oliveira Vianna. In: BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 217-242.